

Frédéric Lenoir

# Carta Aberta aos Animais (e aos que os amam)

Tradução de Sandra Silva

 QUETZAL

## Queridos animais (não-humanos)



QUE ESTRANHO DEVE PARECER-VOS O SER HUMANO!  
Provavelmente, veem-nos como um animal entre tantos, mas imagino que se questionem sobre a natureza por vezes tão contraditória do nosso comportamento para convosco. Por que motivo, por exemplo, em certos locais do mundo respeitamos tanto os cães e os gatos e noutros os maltratamos? E se amamos tanto os nossos animais de estimação e estamos dispostos a fazer mil sacrifícios por eles, como somos capazes de devorar com deleite bebês — cabritos, vitelos, leitões — arrancados às suas mães e conduzidos sem contemplação ao matadouro, apesar de serem tão sensíveis — e, às vezes, tão inteligentes — quanto os nossos queridos animais de companhia? Esta é apenas uma das muitas manifestações da nossa incoerência moral em relação a vocês, por

isso compreendo que nos considerem totalmente irracionais.

Devo dizer-vos desde já que não escapo a esta contradição. A minha conduta não é exemplar nem irrepreensível, longe disso. Desde a infância, estabeleci uma relação de grande proximidade convosco, e sempre temi mais os meus semelhantes do que qualquer outro animal terrestre. Quando, tinha eu apenas três ou quatro anos, os meus pais, tentando dissuadir-me de passear ao fundo do jardim a meio da noite, brandiam a ameaça de ladrões que poderiam rondar por ali, respondia: «Eu sei, mas os lobos protegem-me.»

Sempre fui sensível à vossa dor, sem dúvida tanto quanto à dos meus semelhantes. Ainda hoje, não suporto assistir ao espetáculo de uma abelha que está a afogar-se numa piscina e a lutar desesperadamente para sobreviver, e tenho sempre o cuidado de retirá-la da água antes de mergulhar. Por isso, não gosto de matar ou assistir à morte de animais terrestres. Com apenas dez anos, assisti à minha primeira (e última!) tourada. Guardo dela uma memória dolorosa. Quando o picador, montado no seu pobre cavalo vendado, arreado e aterrorizado, começou a torturar o touro com a lança para o debilitar, compreendi que os dados estavam lançados e que, naquela suposta

«nobre e justa luta entre homem e besta», a besta não tinha nenhuma hipótese e o desfecho era quase inevitável. Comecei a vomitar e saí da arena. Alguns anos antes, o meu pai tentou iniciar-me na caça com arco. Devia ter uns sete ou oito anos. Tinha-me oferecido um arco de caça africano e saímos à procura de caça na floresta. Quatro magníficos faisões levantaram voo, um após o outro, a poucos metros de nós. Atrás de mim, o meu pai gritava «Dispara, dispara...», mas eu sentia-me absolutamente incapaz de o fazer. Como decidir, por puro prazer, e não por necessidade, interromper assim uma vida? Deter o voo majestoso daqueles pássaros e transformar aquelas criaturas cheias de vitalidade em cadáveres inertes? No entanto, curiosamente, nunca tive nenhum problema em pescar. Ao lado da nossa casa passava um riacho e por vezes eu construía uma cana de pesca improvisada, desenterrava umas minhocas (sem piedade alguma delas!) e enfiava-as numa agulha retorcida que atava, à guisa de anzol, na extremidade de um fio. Com este sistema pesquei imensos peixinhos que matava logo de seguida, porque não queria que sufocassem por muito tempo, e que depois grelhava numa fogueira. Há mais de quarenta anos que não pesco, mas lembro-me de não ter nenhum remorso em fazê-lo, apesar de ser incapaz de matar um animal terrestre para comer. Não sei como explicar esta

dualidade de critérios. Nesse sentido, represento na perfeição muitos dos meus congêneres: sou sensível ao vosso sofrimento e milito há muito por minimizá-lo, mas não consigo resistir a um bom prato de mariscos, e apesar de ter reduzido muito o meu consumo de carne e inclinar-me para o vegetarianismo, não digo que não a um frango assado no restaurante ou em casa de amigos. Também não hesito em esmagar uma melga que me impede de dormir ou erradicar as traças que comem as minhas camisolas... de lã de ovelha! Entre os meus semelhantes, os vossos melhores amigos são, sem dúvida, os veganos que não consomem nada proveniente do reino animal nem da sua exploração, mas ainda não me sinto capaz de adotar esta prática que, no entanto, considero muito coerente. Por outro lado, pergunto-me, e voltarei a esta questão no final desta carta, se uma atitude ética para convosco pode ter em conta os graus de sensibilidade à dor e de inteligência das vossas diferentes espécies, ou se o mesmo respeito absoluto deve aplicar-se a todos...

Os especialistas em comportamento animal, a quem chamamos etólogos, mostraram nas últimas décadas que estamos infinitamente mais próximos de vocês do que pensámos durante muito tempo. Sabemos agora que, como nós, são sensíveis à dor. Como nós, possuem uma

inteligência lógica, dedutiva, capaz de distinguir e, nalguns casos, até de nomear. Usam formas de linguagem. Sabem construir ferramentas e transmitir costumes aos vossos filhos. Gostam de fazer travessuras e adoram brincar. Dão provas de amor e, muitas vezes, até de compaixão. Alguns de vocês têm consciência de si e revelam um sentido desenvolvido de moral e de justiça — o vosso, não o nosso. Obviamente, também existem diferenças entre nós, como as há entre todas as espécies. Cada espécie é única... à imagem de todas as outras. O que constitui a nossa singularidade — a complexidade da nossa linguagem, a natureza infinita do nosso desejo, o pensamento mítico-religioso, a capacidade de nos projetarmos num futuro distante e uma consciência moral universal — devia encorajar-nos a adotar uma atitude mais justa e responsável para convosco. E, no entanto, na maioria das vezes somos movidos pelo estúpido instinto de vos dominar e explorar, de acordo com o velho adágio da lei do mais forte. Claro, recorreremos a mil artifícios intelectuais e retóricos para justificar esse instinto predador e dominador. Porque uma das características mais singulares do ser humano é também a sua extraordinária capacidade de justificar os seus desejos! Como sublinhou o filósofo Baruch de Espinosa no século XVII, «não desejamos uma coisa porque a julgamos boa; ao contrário,

julgamos que alguma coisa é boa porque a desejamos.»<sup>1</sup> Ganhamos alguma coisa ao explorar um burro, assistir à morte de um touro numa arena ou comer leitão? Pouco importa! Inventemos boas razões — económicas, culturais, biológicas, gastronómicas ou religiosas — para fazê-lo, a fim de satisfazer os nossos desejos... em boa consciência.

Tal como não podemos pensar por vocês, também não podem saber o que se passa na nossa cabeça. Por conseguinte, tentarei explicar-vos a ideia que temos de vocês e de nós mesmos. Pretendo contar-vos a longa história do vínculo que nos une e das justificações que arranjamos para vos dominar, explorar e matar em grande escala. Evocarei também os seres humanos que sempre reprovaram, e continuam a reprovar, essa exploração e esse massacre. Por fim, falarei das soluções que podemos encontrar, nós, humanos — que somos a espécie mais poderosa e, portanto, moralmente a mais responsável —, para melhor vos respeitarmos, queridos animais, uma vez que não podem expressar por palavras o que sentem. Ilustrarei também estas linhas com citações de alguns dos vossos amigos mais eloquentes (escritores, filósofos, cientistas, poetas...) que sabem que um ser humano só pode crescer em humanidade respeitando o mais possível todos os seres sencientes que habitam a Terra.

## Como o *Homo sapiens* se tornou o senhor do mundo

HÁ MUITO TEMPO que o ser humano está convencido de que é o animal mais evoluído da Terra. A ponto de já nem sequer se considerar um animal: de um lado está o homem, do outro, os animais. Mas nem sempre foi assim. Hoje sabemos que as nossas origens são comuns às dos grandes primatas que povoam a Terra: os chimpanzés, os bonobos, os orangotangos, os gorilas. Há vários milhões de anos, um dos nossos distantes antepassados comuns evoluiu de maneira diferente, dando origem, no seio da família dos grandes símios, ao género *Homo*. Deu-se o nome de *Australopithecus* («macaco austral») a esse primeiro grupo de hominídeos que surgiu na África Oriental e depois migrou para a Europa e a Ásia. Tendo em conta a diversidade destes ambientes naturais, o ser humano dividiu-se em novas espécies. O humano da Europa e da Ásia Ocidental

foi batizado de «Neandertal», e o que povoava a Ásia Oriental, de «*Homo erectus*». Ao longo dos milhares de anos que se seguiram, outras espécies de humanos surgiram em vários pontos do mundo. Acredita-se que há 100 mil anos a Terra era habitada por pelo menos seis espécies diferentes de humanos. Quais as características comuns destes humanos? Como os outros grandes símios, os seus cérebros eram especialmente desenvolvidos, mas além disso tinham a particularidade de se deslocarem sobre os dois membros posteriores. Esta postura ereta libertou as mãos dos humanos, as quais ganharam destreza para realizar tarefas complexas, como a produção de ferramentas sofisticadas. Os humanos aprenderam igualmente a dominar o fogo, o que lhes trouxe inúmeras vantagens: proteção contra os predadores, a possibilidade de se aquecer e de cozinhar os alimentos. Provavelmente, a mudança alimentar relacionada com a confeção dos alimentos teve um impacto importante na sua evolução fisiológica, sobretudo cerebral. Por fim, última característica comum, as crianças humanas, devido à postura ereta, nasciam prematuramente em relação às vossas e, por isso, necessitavam de um longo período de proteção e educação até se tornarem autónomas. Este atributo favoreceu o desenvolvimento da socialização e da cultura (transmissão de saberes), traços essenciais da humanidade.

«Devo aliviar o sofrimento dos outros porque  
é sofrimento, como o meu. Devo trabalhar para  
o bem dos outros porque, como eu, são seres vivos.»

SHANTIDEVA

(sábio budista indiano, século VIII d. C.)

\*

Há algumas centenas de milhares de anos surgiu uma nova espécie de humanos: os *Sapiens*. Durante vários milénios, coabitaram com as outras espécies humanas e, há cerca de 70 mil anos antes da nossa era, começaram a conquistar a Terra, uma conquista concomitante com a extinção de todas as outras espécies humanas. Há um debate entre os vários especialistas sobre se o *Homo sapiens* seria culpado de uma espécie de genocídio dos seus semelhantes, dominando-os e exterminando-os um a um, ou se os teria assimilado através de um processo de mestiçagem. Seja como for, o *Homo Sapiens* predominou e, desde então, todos os humanos são seus descendentes.

Qual é o segredo da sua força? Não se devia à sua constituição física, visto que o homem de Neandertal, por exemplo, era muito mais robusto. Estava relacionada com o poder do pensamento. Os cientistas falam de «Revolução Cognitiva» para explicar o salto qualitativo que distingue o *Homo sapiens* das outras espécies de homínídeos. Com efeito, no espaço de algumas dezenas de milénios — entre 70 e 20 mil anos antes da nossa era — o *Homo sapiens* inventou uma grande quantidade de artefactos complexos: barcos, arcos, flechas, agulhas... Mas criou também objetos ornamentais, joias e obras de arte

(como as pinturas rupestres que ainda podem ser admiradas, por exemplo, nas grutas de Lascaux ou de Chauvet). Desenvolveu igualmente práticas religiosas, assentes em crenças que hoje ignoramos, mas das quais foram descobertos vestígios arqueológicos com indícios de rituais funerários muito elaborados, ou de objetos de culto.

Os antropólogos pensam que esta «revolução cognitiva» está em grande medida relacionada com a própria linguagem do *Homo sapiens*, a qual permite associar um número bastante limitado de sons para produzir um número ilimitado de frases com sentidos diferentes.

Enquanto a vossa linguagem, queridos animais não-humanos, parece transmitir sobretudo informações precisas — um aviso de perigo, um gesto de reconhecimento ou de afeto, uma indicação da presença de alimentos —, a linguagem humana pode descrever situações de grande complexidade, o que facilita a partilha e a comunicação no seio de um grupo numeroso. Outra característica da nossa linguagem: a capacidade de nomear coisas invisíveis. Quando evocam os espíritos, os deuses ou a alma, os humanos falam de coisas inexistentes ou, pelo menos, invisíveis.

A crença nessas coisas imateriais teve um impacto determinante na evolução do *Homo sapiens*. O desenvolvimento do pensamento mítico e religioso está na base

do nascimento e crescimento de todas as civilizações. A crença numa realidade invisível superior foi um fator de união para os humanos. Toda a crença mítica ou religiosa partilhada cria um vínculo social. Favorece a cooperação entre milhares de humanos que não se conhecem pessoalmente, mas que podem confiar uns nos outros e conviver sem violência, graças à partilha de crenças, práticas e valores. O pensamento mítico-religioso permite também sacralizar o político, outorgando ao chefe supremo — que pode chamar-se rei, imperador ou faraó — uma legitimidade que assegura a estabilidade do poder político e mantém a coesão entre povos muito distintos, submetidos ao mesmo poder, o que é fundamental para a criação dos impérios. Pelo mesmo efeito de produção imaginária, pode também provocar mudanças radicais na organização social e política: se o mito fundador de uma sociedade humana se altera, esta fica de imediato perturbada. Um fenómeno que a Europa conheceu com o Iluminismo e a Revolução Francesa. Essa mudança só foi possível porque o mito do progresso, a crença na razão e na liberdade dos indivíduos, substituiu o mito cristão. O pensamento simbólico permite este tipo de transformações políticas e sociais que nunca poderiam acontecer no mundo animal sem uma profunda mutação genética. Como afirma o historiador Yuval Noah Harari no seu

apaixonante livro *Sapiens*, «a verdadeira diferença entre nós e os chimpanzés reside na cola mítica que agrega um grande número de indivíduos, famílias e grupos. Esta cola tornou-nos mestres da criação.»<sup>1</sup>

Perguntar-me-ão — e talvez nunca encontremos resposta para esta pergunta legítima —: o que aconteceu no cérebro do *Homo sapiens* para que desenvolvesse tão rapidamente uma linguagem única, um imaginário tão rico e um pensamento simbólico, permitindo assim o nascimento da arte e da religião?

«Em vez de fazer do homem a medida de todas as coisas, temos de avaliar as outras espécies por aquilo que são. Estou certo de que descobriremos muitos poços mágicos, incluindo alguns que ainda estão para lá da nossa imaginação.»

FRANS DE WAAL  
(etólogo holandês, 1948-2024)

## Da domesticação à exploração

A REVOLUÇÃO COGNITIVA e a evolução do *Homo sapiens* não tiveram um efeito desastroso imediato para vocês, queridos animais. Pelo contrário, o desenvolvimento do pensamento mítico e religioso teve como primeira consequência a sacralização da natureza. As primeiras crenças religiosas eram animistas e postulavam a existência de espíritos invisíveis para toda a realidade natural visível. Havia espíritos da água, do fogo, das árvores, das plantas, bem como de todos os seres sencientes. Ao comunicar com estes espíritos, geralmente através de estados modificados de consciência favorecidos pelo transe, o *Homo sapiens* pretendia conquistar os seus favores e uma integração mais harmoniosa no meio em que o rodeava. E mesmo quando caçava para se alimentar, o *Homo sapiens* pedia perdão aos espíritos dos animais. Aliás, a dieta dos nossos longínquos antepassados,

baseada na caça e na coleta, era muito variada e não estava centrada na ingestão de carne.

Tudo se alterou drasticamente na transição do Paleolítico para o Neolítico, marcado pela sedentarização e pela revolução agrícola. Esta mudança radical do modo de vida dos humanos teve início há cerca de 12 mil anos, após uma era glacial. Na Anatólia e nalgumas regiões do atual Médio Oriente, os humanos, outrora nómadas, alteraram o seu modo de vida e de organização. Construíram aldeias, começaram a cultivar a terra e a criar animais. Esta revolução espalhou-se por todo o mundo nos milénios que se seguiram.

Foi exatamente nesse momento que as coisas começaram a complicar-se para vocês, animais não-humanos. O caçador-recoletor nómada fazia parte do mundo natural e não se considerava nem radicalmente diferente nem superior aos outros seres vivos, ao passo que o agricultor sedentário desenvolveu um pensamento mítico-religioso que o converteu no senhor do mundo. A sua alimentação deixou de depender da natureza selvagem (caça e coleta) e passou a centrar-se na agricultura e na criação, permitindo uma segurança alimentar que o levou a abandonar progressivamente as crenças animistas e a desenvolver novas crenças: os deuses e deusas que venerava já não

povoavam a Terra, mas o mundo celestial invisível e longínquo. Estabeleceu também pela primeira vez uma hierarquia entre todos os seres vivos: lá no alto, no céu, estavam os deuses, e em baixo, na Terra, viviam os animais. O ser humano vê-se como uma espécie de intermediário entre o mundo natural e o mundo dos deuses. Considera-se a criatura terrestre mais evoluída, a única capaz de comunicar com o divino. A ordem cósmica dependia dele e dos rituais religiosos que praticava: as divindades haviam-lhe atribuído essa missão. O principal ritual, que encontramos em todas as culturas humanas desta época longínqua, é o sacrifício. Oferecendo sementes ou animais às divindades, o sacerdote agia em nome da comunidade humana e tentava não só contribuir, através daquele dom, para a manutenção da ordem cósmica, mas também atrair a proteção e os favores dos deuses para o seu povo. Estas novas crenças religiosas, que se desenvolveram depois da sua sedentarização, desempenharam assim um papel crucial no modo como o *Homo sapiens* legitimou a sua rutura com o mundo natural e o seu desejo de dominação sobre as outras espécies animais. Resultado: a partir daquele momento, a vossa exploração, queridos animais, deixou de ser um problema de consciência para os humanos.

«Como se prepara para derramar sangue humano,  
um dia, aquele que degola a sangue-frio um cordeiro  
e que empresta um ouvido insensível  
ao seu balido lamentoso.»

Ovídio  
(poeta latino, 43 a.C.-17 d.C.)